

RASTROS DE UM RIO URBANO – CIDADE COMUNICADA, CIDADE PERCEBIDA

FÁBIO DUARTE*

INTRODUÇÃO

A análise do modo como as pessoas vivenciam a cidade e como regiões urbanas fazem parte do imaginário urbano é uma das questões mais importantes para o sucesso de um projeto de intervenção urbana (CERTEAU, 1996). A proposição aqui defendida é que, quando há respaldo no imaginário urbano, existente ou construído, as intervenções urbanas têm maiores chances de envolverem o público em ações a favor do projeto.

Neste artigo, apresentamos uma metodologia para a análise de como um ambiente está presente e é construído no imaginário urbano, tomando como estudo de caso o rio Belém, na cidade de Curitiba. O Belém é o único rio que tem a nascente e a foz dentro do município da capital paranaense e está presente na formação da cidade, passando de um importante eixo estruturador do traçado urbano, até a primeira metade do século 20 para se tornar um “problema” ambiental e urbano, quando a cidade avançou sobre suas margens provocando alagamentos de bairros, e ser retificado, canalizado e urbanizado nas últimas décadas. Hoje é um rio quase inteiramente morto. Porém, há um movimento crescente de pesquisas e ações sociais para a recuperação do rio Belém. Por esta razão, a análise da presença do rio no imaginário urbano parece-nos de grande relevância para qualquer projeto de recuperação e sua reintegração positiva na paisagem de Curitiba.

CONCEITOS OPERACIONAIS

Importantes análises da paisagem urbana vêm sendo feitas no Brasil a partir da análise das representações que os usuários de uma região fazem da cidade, usando diferentes metodologias que têm como fundo os trabalhos de Kevin Lynch

* Professor do Mestrado em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGTU – PUCPR). Rua Imaculada Conceição, 1155 Curitiba, PR 80215-910. www.pucpr.br/ppgtu e duarte.fabio@pucpr.br.
Recebido: 09/05. Aceito em: 02/06.

(CATELLO, 1998; FERRARA, 1993; SANTOS, 1988). Baseados em entrevistas, depoimentos, desenhos e fotografias, esses trabalhos revelam a variedade e a riqueza da apreensão de um ambiente urbano pelos olhos daqueles que o vivenciam.

Essa perspectiva metodológica, que chamamos de *cidade percebida*, apesar de rica, trouxe-nos o seguinte questionamento: ela privilegia o presente, o modo como *hoje* as pessoas percebem um ambiente urbano. Pensamos que seria importante entender como uma região está presente no imaginário urbano por características históricas que vão se sedimentando na cidade, e também como esse imaginário é construído com projeções para um futuro imaginário urbano.

Neste sentido, consideramos importante, de um lado, dar voz às pedras, buscar indícios na concretude da cidade de usos e vivências anteriores de uma região e que ainda hoje alimentam a vivência, percepção e representação da cidade. A este encaminhamento metodológico chamamos *rastros urbanos*. De outro lado, enfatizando que a percepção e a representação da cidade estão diretamente ligadas a um imaginário urbano, e que este imaginário é formado por objetos e ações que não se inscrevem tradicionalmente no campo do urbanismo, mas operam pela projeção de signos de uma cidade desejada na cidade atual, buscamos identificá-los nos meios de comunicação – estratégia de pesquisa a qual chamamos *cidade comunicada*.

CIDADE PERCEBIDA

Da compreensão de como diferenças sociais, etárias e culturais são percebidas, apreendidas e incorporadas no imaginário daqueles que vivenciam uma região depende, em boa medida, o sucesso da implantação e gestão de um projeto urbano.

A intenção de abrimo-nos à compreensão da cidade pelas representações que as pessoas que a vivem fazem dela deve, necessariamente, assumir que a cidade concreta não é o único referencial. Isto pode parecer contraditório: afinal, a intenção não é analisar como as pessoas representam a cidade, e sim como a percebem e representam esta percepção.

No primeiro caso, na análise da representação da cidade, teríamos de um lado uma cidade que está lá, a qual eu conheço de antemão; e de outro, representações que as pessoas fazem desta cidade. A análise só permitiria relacionar representações múltiplas a uma cidade única, representações variadas de uma cidade definitiva, ou seja, o objeto cidade estaria fundamentalmente definido e dele poder-se-ia representar o que se quisesse, mas ele sempre seria o que é: um parâmetro imóvel de análise.

Por isso é importante ressaltar que se trata, aqui, do segundo caso, da análise da percepção da cidade por aqueles que a vivenciam. Isso significa que consideramos que a cidade é tanto a sobreposição irregular das cidades que estiveram antes dela, nela, que foram o antes do que ela é, como também a justaposição das vivências urbanas de seus habitantes e de seus usuários. Estes, por sua vez, percebem a cidade por estímulos de elementos urbanos que dela “provêm”, mas também a percebem por estímulos (imagens, desejos) que sobre ela projetam. A cidade torna-se

assim, também, um caleidoscópio projetivo de várias e variadas percepções que dela se tem e que a imantam, induzindo outras percepções e tornando-se cidade.

Vejamos, por exemplo, um bairro que é considerado violento, mesmo que nele não ocorram mais crimes ou assaltos do que em outros. Mas nele as ruas são escuras e há uma favela. O primeiro sintoma indica apenas um problema de iluminação pública, que pode ser questão de número de luminárias, potência das luzes, ou arborização frondosa; o segundo sintoma, a favela, é uma formação territorial que indicia problemas socio-econômicos e fundiários na cidade. No entanto, esses dois fatores podem dar a sensação de insegurança a este bairro, e tais impressões são passadas de um para outro – e se efetivamente ocorre algum problema de violência ele impregna-se a esses elementos que, no imaginário urbano, estão relacionados à falta de segurança e pronto, temos um bairro inseguro – oriundo, sobretudo, da percepção das pessoas que o vivem.

Assim, essas percepções urbanas são tanto apreensões que se tem de elementos concretos da cidade como projeções feitas sobre ela – e é na relação de reflexão e projeção de estímulos que se dá a percepção urbana, a qual direciona, por sua vez, as vivências urbanas e a idéia que se tem de uma região.

A metodologia usada na cidade percebida, então, procura reter, daqueles que vivem uma região, alguns indícios do que absorvem da cidade e projetam sobre ela, e que determinam como ela é percebida. Para a intervenção ou gestão urbana, a cidade percebida nos parece fundamental, pois é neste âmbito que uma atuação desatenta ou desastrada leva ao risco de frustrar um projeto que, no gabinete, demonstrara sucesso.

RASTROS URBANOS

“E percebemos que não somos mais do que os muitos que viveram nesses lugares”.

Benedetta Tagliaube

A cidade é formada por uma sobreposição de camadas de outras cidades que existiram antes – ou melhor, a mesma cidade que se sobrepõe a si mesma, ao mesmo tempo reafirmando-se como única e distinguindo-se de si própria. A alma da cidade encontra-se na sobreposição de vivências urbanas que formam a cidade cotidianamente.

Parte dessas camadas é apagada pelas vivências que a sucedem; mas uma outra parte resta como seu testemunho. A busca de indícios dessas vivências tem menos a intenção de reconstituir o passado e mais a de entender como a cidade em que vivemos hoje é o que é, em duas vertentes principais de análise:

- a) em que medida e de que modo a cidade de ontem determina a cidade de hoje; e
- b) quais indícios da cidade de ontem podem direcionar ações sobre as vivências urbanas atuais.

Ambas as vertentes corroboram a necessária compreensão de que, para se implementar alterações de usos, é imprescindível entender que outros usos construíram a região tal como ela se encontra – talvez usos que não mais existam, mas que deixaram rastros urbanos na região, rastros que estão na arquitetura de certas edificações, na implantação de outras (morfologia urbana), em remanescentes urbanos, no imaginário histórico impresso na cidade atual.

CIDADE COMUNICADA

É ingenuidade imaginar que edifícios com destaque arquitetônico, alterações urbanísticas, mudanças na legislação e políticas socio-econômicas são auto-suficientes ou, mais ainda, são as únicas formas legítimas para promover mudanças e incrementos sociais, econômicos ou culturais, em detrimento da construção da imagem dessa região.

Há relações de interdependência entre o espaço urbano construído e o espaço simbólico. Mais ainda, poderíamos afirmar que a cidade “é o que é” tanto quanto o que é dito que ela é. Vimos isto, em parte, na cidade percebida, formada pela apreensão de índices da cidade concreta, mas também de signos projetados sobre a cidade – que formam a cidade percebida, a cidade vivenciada. Se isto é verdadeiro para a cidade presente, aquela que vivencio cotidianamente, onde desloco meu corpo, onde trabalho, onde me relaciono com pessoas, onde me formo como um indivíduo matizado pela cidade vivida, quão forte não deverá ser a imagem de uma cidade desejada para que ela se insira na minha cidade mental de modo que eu enxergue e viva a cidade que ainda não está lá. É o uso futuro da cidade que busca se inserir na cidade presente para já formá-la no imaginário urbano.

A cidade comunicada se faz por reflexão ou projeção. Na primeira, busca-se verificar como uma determinada região aparece nos meios de comunicação, e conseqüentemente, como ela é refletida de volta à cidade (pelos leitores ou telespectadores), influenciando o imaginário urbano de uma região. Na segunda, analisamos, através do material de marketing e divulgação, como projetos em uma região urbana são construídos e publicados para que se insira uma cidade desejada na cidade presente, de sorte que suas qualidades sejam incorporadas de antemão, mesmo que imaginariamente.

Na bacia do Rio Belém, analisamos a cidade refletida nos meios de comunicação, fazendo um histórico de como e com qual freqüência o rio apareceu nas notícias dos principais jornais impressos e televisivos veiculados em Curitiba nos últimos anos. Essa metodologia foi a mais apropriada para uma região onde não há nenhum projeto estruturado de recuperação e, portanto, nenhuma estrutura de comunicação que lhe dê sustentação.

RASTROS DE UM RIO URBANO

A partir da noção de que a cidade é o objeto concretizado de processos urbanos que se acumulam, sobrepõem-se, apagam-se e transformam-se no tempo, nesta etapa saímos a campo para buscar indícios que, mais que respostas, despertem a curiosidade para entendermos a conformação de um território: por que a cidade é como é, que processos urbanos estão expostos ou velados na sua concretude?

É como se a partir de alguns fragmentos urbanos – uma conformação viária específica ou um objeto “fora de contexto” – puxássemos o novelo da história da cidade, removendo camadas sobrepostas e articulando outras distantes no tempo. Alguns desses índices nos revelam a transformação concreta de objetos ao longo do tempo, outros, a influência de um plano diretor ou projeto urbanístico específico (os rastros normativos), outros, a transformação cultural no modo de se tratar a cidade e os processos urbanos.

Tomemos a imagem abaixo.



Parque São Lourenço. Fonte: PMC (Prefeitura Municipal de Curitiba), divulgação

Vemos o Parque São Lourenço. Na seqüência, desde o parque, passando pelo Bosque do Papa até a Avenida Cândido de Abreu, eixo do Centro Cívico, há um trecho da ciclovia junto ao rio retificado. É o trecho de ocupação urbanística ordenada mais recente, e cujo projeto paisagístico ligando os parques (Bosque do Papa e São Lourenço) tornou-se diretriz em Curitiba a partir dos anos 1980. A incorporação do rio

à paisagem urbana teve como marco inicial a construção do Parque São Lourenço em 1972, com o intuito de regular a vazão do rio após uma grande enchente que provocou o rompimento da represa homônima.

São rastros de uma transformação da cultura urbanística que teve início no último quartel do século 20, quando os rios urbanos deixaram de servir de esgotamento sanitário ou foram canalizados, para se integrarem ao contexto da cidade em um equilíbrio entre áreas verdes, circulação não poluente (como ciclovias) e parques lineares entremeados à malha urbana.

As fotos abaixo mostram o momento em que o rio desliga-se de seu conjunto com passeio, ciclovias e paisagismo para submergir na avenida Cândido de Abreu, indiciando uma completa alteração no modo como o rio é encarado na cidade.



Rio Belém chegando à Av. Cândido de Abreu. Foto: autor, 2005

Para onde vai este rio? Para o Passeio Público, o primeiro parque urbano de Curitiba, cravado no coração da cidade, cujo intuito foi também controlar a vazão desordenada das águas do rio Belém nesta área alagadiça. Inaugurado em 1886, revela uma postura urbanística consolidada de controlar os rios urbanos com a criação de parques para conter as doenças transmissíveis e abrir territórios para a urbanização.



Passeio Público. Fonte: PMC, 2003

Uma das principais ruas que chegam ao parque é a Mariano Torres. Por que tão larga? Suas 6 pistas estão sobre o rio Belém, retificado na década de 1910 por Cândido de Abreu (aquele que dá nome à avenida onde o rio faz sua primeira submersão), e suas margens.

O conjunto de fotos abaixo mostra as diversas fazes da rua Mariano Torres.



Mariano Torres – retificação do rio, 1941. Fonte: PMC



Mariano Torres, 1970. Fonte: PMC



Mariano Torres, década de 1970.
Fonte: PMC



Mariano Torres, final dos anos
1970. Fonte: PMC

A contínua edificação às suas margens, área antes ocupada pelo rio em seus transbordamentos, provocava alagamentos anuais, situação que se agravava por ele ser usado para esgotamento sanitário, até sua canalização em 1977. Todo esse processo exemplifica as diferentes fases pelas quais rios urbanos passaram em várias cidades brasileiras, da retificação à canalização, sem que, no entanto, o problema de ser usado como canal de esgoto se resolvesse – esconde-se o problema na região central para que ele emerja algumas quadras depois, em um rio sobrecarregado pelas ligações clandestinas de esgoto, em um rio morto.

Ironicamente, a ciclovia segue por esta mesma rua, mantendo o padrão de acompanhar o rio – agora submerso.

Antes de seguirmos seu curso, porém, ressaltamos que a avenida Cândido de Abreu foi construída como o Eixo Cívico da capital estadual. Ao resgatarmos os projetos desse complexo de edifícios públicos de importância simbólica, vemos nos desenhos e maquetes de Alfred Agache, dos anos 1940, que o rio já não aparece – Agache propõe a sua canalização. O resgate da história urbanística da cidade, despertado pela percepção de índices urbanos (a conformação de uma região), permite que entendamos como uma postura urbanística determina como um elemento territorial participa ou não do que se propõe como *destino urbano* de uma cidade – destino urbano entendido como o conjunto de valores (culturais, econômicos, sociais e simbólicos) que se almeja para uma cidade e que se materializa em seu território.



Alfred Agache. Maquete e desenho para o Centro Cívico de Curitiba, 1943. fonte: PMC

Mas este mesmo rio, desconsiderado no destino urbano de Curitiba, domesticado em parques e escondido como canal de esgotamento sanitário no centro da cidade, emerge e corre, por alguns quilômetros, por meandros urbanos. Volta à superfície do lado não utilizado da rodoferroviária, junto a um antigo pátio de manutenção de trens, passa ao lado de um estádio e pátios de manobra ferroviários, segue juntamente a conjuntos habitacionais de interesse social e favela, até cruzar o campus da PUC, cujas edificações, como todas ao longo do rio, estão na faixa de proteção mínima. Depois do campus, segue seu curso por bairros mais pobres até desaguar no rio Iguaçu.



Rio Belém, ao lado da Rodoferroviária. Fonte: autor, 2005



Vila dos Ofícios



Pontifícia Universidade Católica

Na análise das notícias sobre o rio, na *cidade comunicada*, vemos que este trecho, principalmente quando cruza os conjuntos habitacionais populares, é mostrado de modo causal e preconceituoso, ou seja, ligam a poluição do rio à sua ocupação urbanística imediata (os conjuntos habitacionais e as favelas) – quando, na verdade, ele emerge de sua passagem subterrânea pelo centro da cidade sem vida.

Analisar o rio pelos seus rastros permite-nos ver que não é a cidade constituída que abriga um rio e sofre com problemas causados por ele; mas pelo contrário: ela foi edificada em região conquistada sobre o rio, e essa ocupação deu-se em processos

urbanísticos distintos que podem ser desvelados a partir de fragmentos da conformação da cidade, de seus rastros urbanos.

CIDADE PERCEBIDA DE UM RIO URBANO

Entrevistamos 130 pessoas acima de 25 anos e que morem a pelo menos 5 anos na cidade. Optamos por duas distribuições geográficas das entrevistas: uma para os cidadãos que residissem nos bairros internos à bacia do Rio Belém e, outra, com público transeunte que estivesse em áreas lindeiras ao rio, divididas a partir de diferentes tipologias de ocupação urbana em quatro grandes regiões: São Lourenço, Centro, Capanema e Uberaba.

A região São Lourenço vai da nascente do rio Belém até o Centro Cívico; a região Centro tem início no Centro Cívico quando o rio é canalizado e submerge na malha urbana, até a Rodoferroviária, quando emerge, tendo atravessado o centro da cidade e o Passeio Público, o primeiro parque urbano de Curitiba; a região Capanema segue até o Campus da PUC; a quarta região, Uberaba, continua até a foz do rio, quando encontra o Iguaquê.

Na entrevista focamos em como o rio é percebido pela população, desde a primeira imagem que lhe vem à cabeça quando pensa no rio Belém, passando pelo teor das notícias que ouviu sobre o rio, e pela percepção de marcos urbanos ao longo do rio, através de desenhos do Rio Belém em Curitiba – estes realizados no primeiro semestre de 2005.

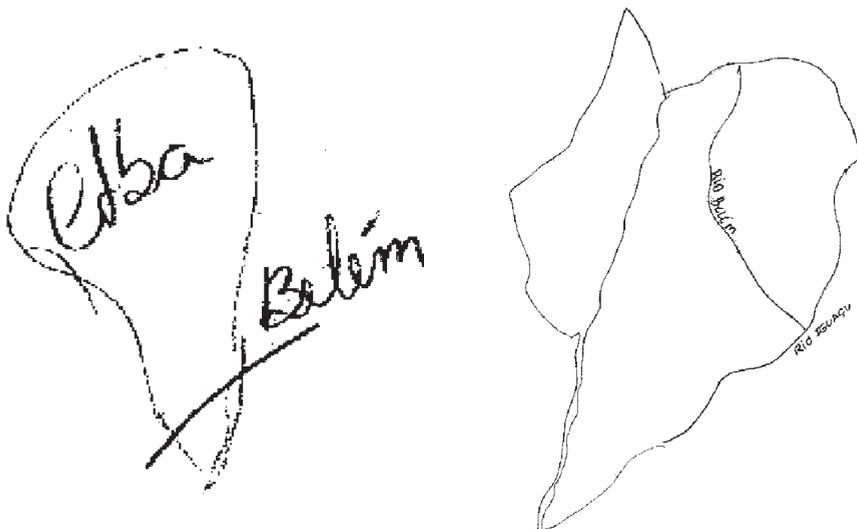
Poluição é a primeira imagem que vem à cabeça de 65% dos entrevistados que residem na bacia do rio – o conjunto das imagens negativas (incluindo “esgoto”, “mau cheiro”, “miséria” à “poluição”) somam 87%. Essa mesma impressão repete-se nas entrevistas com transeuntes das margens do rio, não importa se nas regiões com maior qualidade paisagística (São Lourenço) ou onde ele está submerso (centro) – apenas na região Uberaba a imagem das “enchentes” rivaliza com “poluição”; e mesmo que estejam ligadas, vale destacá-la, pois é onde todo o destrato urbanístico com a bacia (de sua ocupação lindeira ao lançamento de esgoto) vem literalmente à tona, periodicamente.

Sobre o rio, apenas 39% ouviram, viram ou leram notícias recentemente, e dessas, 61% eram negativas, destacando justamente a poluição como tema, com 23% das respostas – o que reitera a imagem do rio que é veiculada pelos jornais, conforme vemos em *cidade comunicada*.

Ao lado dessas observações imediatas sobre o rio, temos nos desenhos a maior riqueza da percepção urbana. A partir de um conjunto de 97 desenhos feitos pelos entrevistados, pudemos agrupá-los por similaridades que revelam o enfoque que dão ao rio.

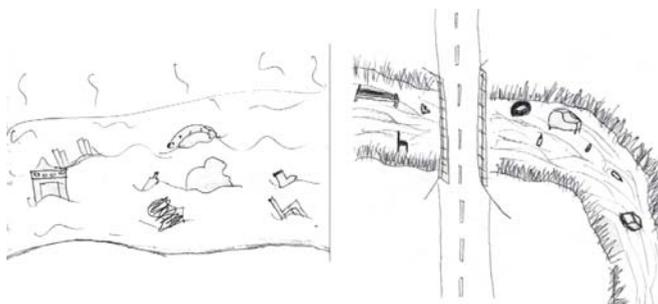
- Mapas

Os 2 exemplos abaixo são do conjunto de 5 desenhos que buscaram localizar o rio no mapa da cidade. No primeiro vemos o rio cortando uma região delimitada, entendida como o mapa de Curitiba – em outros desenhos similares, a posição varia de extremo sul a extremo oeste, sempre à margem do mapa. O segundo desenho mostra não apenas o rio cortando a cidade em seu sentido norte/sudeste, como também localiza o rio Iguazu, onde o Belém deságua.



- Dentro do rio

Todos os 16 desenhos que mostram dentro do rio ressaltam a poluição, com os mais variados objetos boiando no rio. A incidência deste tipo de desenho ocorreu em entrevistas nas 4 regiões, mas sobretudo entre os residentes no centro da cidade.



- Ocupação lindeira

Agrupamos nesta categoria os 11 desenhos que destacam o rio e a ocupação urbana edificada nas suas margens, algumas vezes, como nos desenhos abaixo, parecendo ligar a poluição do rio com esta ocupação.



O despejo de detritos no rio, claramente ligado à ocupação urbana horizontal de baixo padrão, é reforçado por algumas fotos publicadas nos jornais sobre a poluição do Belém, onde se vê o despejo de dejetos por um catador de papel e, ao fundo a *Vila de Ofícios*, conjunto habitacional de interesse social. Conhecendo minimamente a história da ocupação urbana de Curitiba, que repete a ocupação territorial das cidades brasileiras, sabemos que tal imagem, menos que revelar as causas mais visíveis da poluição do rio, reforça um preconceito social para velar os principais causadores dessa poluição, indiciados na mesma foto jornalística ao fundo, pelos edifícios do centro da cidade, cuja ocupação cobriu o rio e suas margens, além de transformá-lo em vetor de escoamento sanitário.

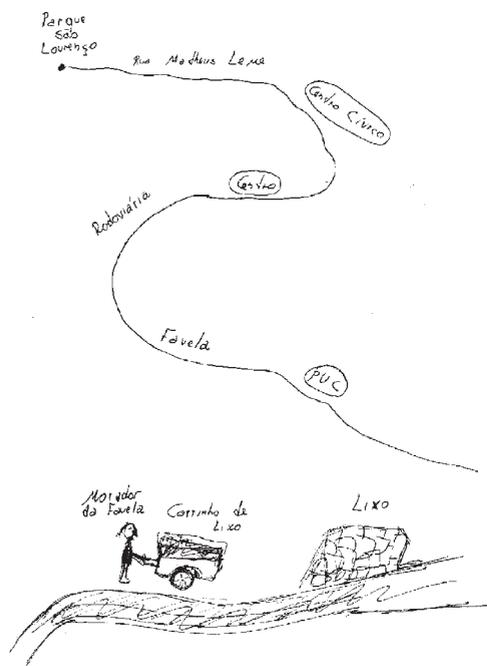
- Referências Urbanas

Para nossa surpresa, 67% dos desenhos localizaram o rio a partir de referências urbanas.

Em cada região, há destaque para aquelas em suas proximidades. Por exemplo, entre os desenhos dos entrevistados na região São Lourenço, destacam-se referências ao Parque São Lourenço, seguido do Passeio Público, Rodoferroviária e Bosque do Papa – destas, o parque e o bosque estão na região, enquanto o passeio e a rodoferroviária estão na região central. Mas os desenhos feitos pelos entrevistados nesta região, por sua vez, destacam principalmente seu trecho subsequente (Capanema), localizando o rio em relação à favela Vila Torres (ou Vila Pinto), a rodoferroviária e a

PUC. Alguns desses desenhos também ressaltam a poluição do rio com objetos boiando. Já nos desenhos da região Uberaba, a presença de equipamentos urbanos de destaque (como rodoferroviária) ou conjuntos edifícios definidos dá lugar à simples nomeação de bairros ou vias.

No desenho ao lado, por exemplo, o trecho é o da nascente à avenida Cândido de Abreu – mas, a atenção está nas referências urbanas vivenciadas, o que o leva a não se atentar ao trecho inicial, da nascente ao Parque São Lourenço, e prolongar o rio até o Passeio Público – mesmo que esteja submerso em seu trecho final.



O desenho ao lado é especial por, de um lado, mostrar consciência do percurso do rio em todo o seu trecho mais urbanizado (do Parque São Lourenço à PUC), e de outro explicitar a visão preconcebida de que os moradores da favela (Vila Torres) são catadores de lixo (na verdade, há uma comunidade grande de catadores de papel), que causam diretamente a poluição do rio.

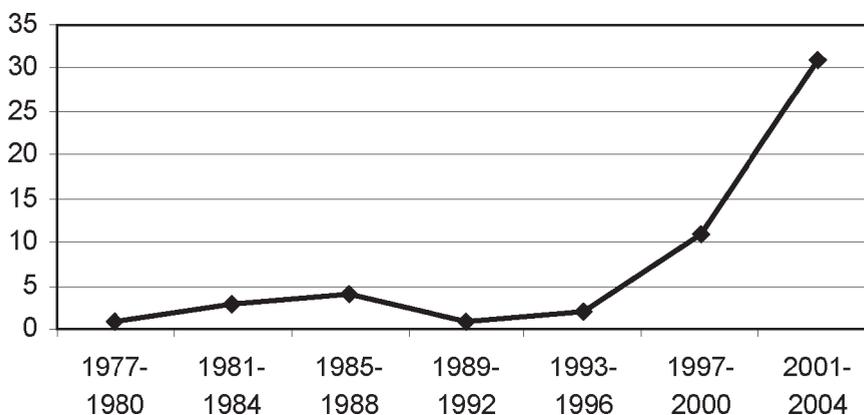
Mesmo que haja concentração de referências nas proximidades do local de entrevistas, quando analisamos os desenhos do grupo geral (moradores da bacia, em entrevistas não realizadas às margens do rio), as maiores incidências para o conjunto dos entrevistados estão em dois parques ligados ao rio Belém, São Lourenço e Passeio Público, e dois equipamentos urbanos que o margeiam, Rodoferroviária e PUC, importantes referências na estruturação mental de Curitiba, mostrando que a consolidação do rio na imagem da cidade tem marcos consolidados para se ancorar.

CIDADE COMUNICADA – RIO BELÉM

Na bacia do Rio Belém, nossa metodologia foi orientada para saber com que frequência e com que teor noticioso (positivo, negativo ou neutro) o rio apareceu como tema nos principais jornais impressos e televisivos veiculados em Curitiba nos últimos anos. Essa metodologia foi a mais apropriada para uma região onde não há nenhum projeto estruturado de recuperação, e, portanto, nenhuma estrutura de comunicação que lhe dê sustentação.

O levantamento foi feito na Casa da Memória e nos acervos dos meios de comunicação – desconsiderando notas e notícias encomendadas pela Prefeitura Municipal. Na base noticiosa construída, temos a primeira incidência em 1977.

Para aumentar a relevância da leitura da distribuição das notícias, estruturamos a amostra em períodos de 4 anos, como mostra o gráfico abaixo.



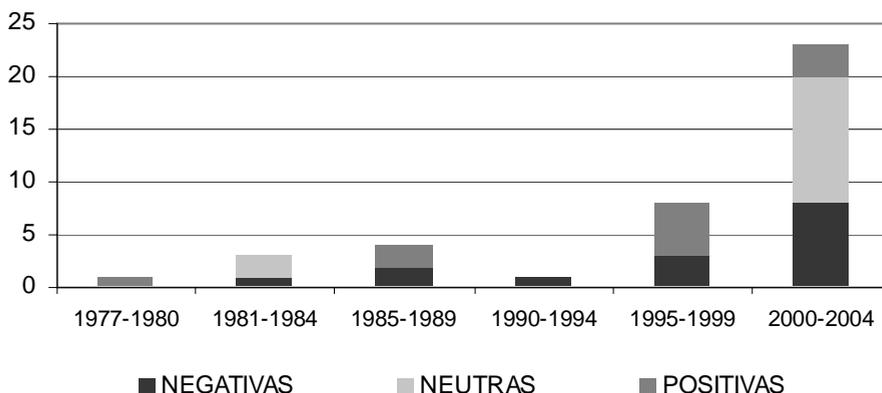
Até 1996, houve menos de uma notícia por ano sobre o Rio Belém nos principais meios de comunicação veiculados em Curitiba. O incremento iniciado então tem forte ascendência nos últimos anos, a partir de 2000 – com destaque para o ano de 2001, quando o rio foi tema de 12 matérias jornalísticas.

Além da veiculação da notícia, foi importante saber o seu teor, se com enfoques positivo, negativo ou neutro em relação ao rio – como mostram os exemplos a seguir.

Negativo	Belém, mais do que um rio, um problema (<i>Gazeta do Povo</i> , 12/11/1983) O rio mais curitibano é poluído (<i>Primeira Hora</i> , 08/03/2001)
Neutro	Termina obra para conter erosão provocada pela chuva no Belém (<i>Diário Popular</i> , 07/03/2001) Plantas se desenvolvem nas paredes do Rio Belém (<i>Gazeta do Povo</i> , 18/01/1999)
Positivo	Prefeito entrega Tibagi e Mariano Torres ao tráfego (<i>Diário do Paraná</i> , 15/04/1977) Moradores limpam nascentes do Belém (<i>Gazeta do Povo</i> , 30/06/2004)

Uma ressalva quanto à classificação do teor da notícia é importante: procuramos analisar o *enfoque* dado na matéria, não necessariamente se o enunciado foi positivo ou negativo para a bacia do rio. Por exemplo, a notícia considerada positiva publicada em 1977: “Prefeito entrega Tibagi e Mariano Torres ao tráfego”. O caráter da notícia é positivo, pois anunciava a liberação de duas importantes vias da cidade após a sua canalização, em uma região onde o rio constantemente transbordava. Claro que se lêssemos a notícia de um ponto de vista crítico, diríamos que a canalização é um instrumento paliativo para resolver um problema que a própria urbanização desta região e a forma da ocupação do solo e viária causaram. Entretanto, o objetivo é analisarmos como o rio foi comunicado e, assim, pôde direcionar um imaginário urbano.

Voltando à distribuição das notícias ao longo do período estudado, o gráfico abaixo apresenta a distribuição das notícias quanto ao seu teor.



No período com maior número de notícias – a partir de 1995 –, vemos um equilíbrio porcentual das com teor negativo (38% das notícias entre 1995 e 1999, e 35% entre 2000 e 2004). Neste último período, destaca-se o número de notícias com teor neutro, como “Técnicos estão avaliando a situação do Rio Belém” (*Gazeta do Povo*, 21/02/2001), ou “Termina obra para conter erosão provocada pela chuva no Belém” (*Diário Popular*, 07/03/2001).

Se analisarmos as notícias negativas ao longo do tempo, vemos que a recente notícia “Qualidade da água está comprometida” (*Gazeta do Povo*, 30/06/2004) ecoa manchete de quase 15 anos atrás: “Rio Belém é hoje o mais poluído do Paraná” (*Gazeta do Povo*, 19/05/1991). E do lado positivo vemos que as notícias, mais do que apresentar resultados benéficos, falam de projetos de recuperação, do recente “Mutirão, organizado pela PUC, que tem como objetivo limpar, reflorestar a mata ciliar ao redor do Rio Belém e educar os moradores da Vila Torres” (*TV Band*, 03/06/2004), que traz lembrança da longínqua manchete “Campanha para reviver o Belém vai ter lançamento esta manhã” (*Gazeta do Povo*, 04/06/1987).

A situação atual da *cidade comunicada* do Rio Belém permite se fazer duas constatações: de um lado, que o rio está, como jamais, presente nos meios de comunicação, o que pode significar um terreno importante de ação tanto para se obter espaço na conscientização para o problema e envolvimento da população; mas de outro, que o teor das notícias continua o mesmo nos últimos 25 anos: as negativas referem-se à poluição do rio, e as positivas apostam em projetos esperançosos de seu tratamento.

Comparando a análise da cidade comunicada e da cidade percebida, vemos que o aumento no número de notícias sobre o rio nos últimos anos não encontra reflexo explícito no público. Perguntados se viram, leram ou ouviram notícias sobre o rio Belém recentemente, 61% dos entrevistados disseram que não. Entre os que se lembram de notícias, a grande maioria lembra-se de aspectos negativos (61% do total, sendo que as “enchentes” foram citadas por 23% dos entrevistados); entretanto, 33% do público lembraram de notícias sobre a “recuperação do Rio” – os 6% restantes destacaram notícias sobre a “necessidade de limpeza do rio”.

CONCLUSÃO

Como defendemos neste estudo, é um desafio aos projetos de intervenção e gestão urbana analisar como as vivências urbanas dessas regiões estão impregnadas na cidade – tanto em sua concretude quanto nos modos de usá-las e no imaginário dos habitantes – de forma a integrar a leitura dessas vivências nos projetos de intervenção e processos de gestão desse ambiente urbano.

O espaço da cidade é formado por processos urbanos que tanto se sucedem na história quanto se inter-relacionam em uma mesma época e, com princípios diversos, forjam a cidade múltipla. A cidade é policrônica: seu tempo não é linear, muito mesmo causal no sentido do passado como condicionante do presente, tendo o futuro como consequência inevitável do presente ou miragem distante.

A análise da cidade percebida, cidade comunicada e rastros urbanos, procurou mostrar as implicações de cada uma delas nas vivências urbanas, em como os habitantes usam, percebem e imaginam sua cidade. A história da cidade, neste sentido, não é vista como o passado urbano documentado, mas por seus elementos (físicos ou normativos) ainda presentes e que condicionam usos bloqueados pelo imaginário de um uso passado que, mesmo que tenha perdido função, ainda é presente na percepção urbana, ou permanecem ativos na cidade pela tradução de usos focada no presente – e nessa tradução de usos, muitas vezes o que a impulsiona são as intenções de cidade, uma cidade futura projetada na atual para que ela comece a se materializar “antes” de ser construída. Assim, a cidade atual constitui-se na imbricação de tempos urbanos distintos, ora articulando elementos que testemunham o que ela foi, ora arremessando-se no sentido do que pretende ser.

Temos, então, que o espaço da cidade é constituído pelas relações entre objetos e ações que se apresentam desde que passem por determinados filtros culturais. Propusemos o conceito de espaço (Duarte, 2002) como matriz dos conceitos de território e lugar; enquanto o primeiro possibilitaria o contato sensorial e quase isento de significações com objetos e ações, e ao mesmo tempo se definiria por um alto grau de abstração conceitual, lugar e território seriam aproximações intencionais com esse espaço. Importantes pensadores que enfrentaram essa questão (FERRARA, 1986; SANTOS, 1997; CASEY, 1997) sempre admitiram que, no esforço analítico sobre o espaço (não importando a escala, seja a geopolítica internacional, seja o ambiente urbano), o seu entendimento teria de passar por conceitos de aproximação, como território e/ou lugar.

Neste trabalho, da leitura da cidade a partir das vivências urbanas resgatando sua propriedade policrônica, o lugar é o instrumento conceitual que emerge. Os lugares da cidade são as porções do espaço apropriadas por pessoas ou grupos pela identificação afetiva ou cultural, não se restringindo às determinantes territoriais legais (dos bairros, por exemplo).

O desafio que se coloca a partir do que trouxemos da cidade percebida, cidade comunicada e rastros urbanos, onde todos falavam de uma mesma e múltipla cidade, é que o sucesso de intervenções urbanas passa necessariamente pela constituição de lugares. E a constituição dos lugares passa pela apropriação afetiva de uma porção do espaço, onde não importam as dimensões geográficas, e sim o conjunto de valores resgatados do passado naquela região ou que são desejados para que ela venha a ser e que participam juntos, espacial e temporalmente, das vivências urbanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASEY, E. *The fate of place*. Berkeley: University of California, 1997.
 CASTELLO, L. *A percepção do ambiente*. Porto Alegre: Urbanismo & Ambiente, 1998.
 CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996 (1980).
 DUARTE, F. *Crise das matrizes espaciais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
 FERRARA, L. D´A. *Estratégia dos signos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FERRARA, L. D´A. *Olhar periférico*. São Paulo: Edusp e Fapesp, 1993.

IPPUC. *Revista do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba*, no. 4. Curitiba, 2003.

SANTOS, C.N.F. *A cidade como um jogo de cartas*. São Paulo: Projeto, 1988.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, A. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Agradecimentos: Agradeço ao colega prof. Dr. Leonardo Oba e aos alunos da disciplina *Cidade, modos de usar*, do Mestrado em Gestão Urbana da PUCPR, pelas contribuições a esta pesquisa.